

## GIRAS PERIFÉRICAS

Luís Eduardo Souza e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** *Giras Periféricas* reflete sobre o corpo como centro gerador e transmissor de saberes, memórias e afetos, propondo-o como eixo metodológico e político para práticas artísticas e acadêmicas. A partir de vivências em cursos e processos criativos, o autor articula conceitos como encontro, confluência, contracolonialidade e gira, entendida como tecnologia circular de partilha e escuta. Defende que a produção de conhecimento na universidade precisa romper hierarquias coloniais, incorporando perspectivas afroreferenciadas, indígenas e periféricas, valorizando corporeidades e territórios. A gira periférica é apresentada como prática contracolonial que, no contexto das artes da cena, possibilita processos criativos horizontalizados, inclusivos e sensíveis, capazes de potencializar narrativas plurais e modos de vida diversos. Ao enfatizar a circularidade e a coexistência, o texto propõe metodologias cênicas que funcionam como espaços de cura e emancipação para corpos historicamente marginalizados.

**Palavras-chave:** corpo; dança; contracolonialidade; gira; confluência.

## GIRAS PERIFÉRICAS

**Resumen:** *Giras Periféricas* reflexiona sobre el cuerpo como centro generador y transmisor de saberes, memorias y afectos, proponiéndolo como eje metodológico y político para las prácticas artísticas y académicas. A partir de experiencias en cursos y procesos creativos, la autora articula conceptos como encuentro, confluencia, contracolonialidad y *gira*, entendida como una tecnología circular de intercambio y escucha. Sostiene que la producción de conocimiento en la universidad debe romper con las jerarquías coloniales, incorporando perspectivas afroreferenciadas, indígenas y periféricas, valorando las corporeidades y los territorios. La *gira* periférica se presenta como una práctica contracolonial que, en el contexto de las artes escénicas, posibilita procesos creativos horizontalizados, inclusivos y sensibles, capaces de potenciar narrativas plurales y modos de vida diversos. Al enfatizar la circularidad y la coexistencia, el texto propone metodologías escénicas que funcionan como espacios de sanación y emancipación para cuerpos históricamente marginados.

**Palabras clave:** cuerpo; bailar; contracolonialidad; gira; confluencia.

---

<sup>1</sup>Artista da cena, pesquisador e curador, doutorando em Artes da Cena pela UFRJ e mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF. Professor das graduações em Dança da Faculdade Angel Vianna e diretor artístico da Coletivando Cia de Dança, atua com foco em corporeidades afrodiaspóricas, periféricas e com ancestralidade. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3498-169X>

## O corpo do encontro

***CORPO***

corpo que rói  
corpo que dói  
corpo em nós  
corpo sobre nós

um corpo no céu  
um corpo sem réu  
um corpo de saberes  
um corpo sem paredes

que corpo é esse?  
o que carrega esse corpo?  
no que esse corpo se deleita?  
existe um corpo nesse corpo?

se é corpo, é ancestral  
se é corpo, é atemporal  
se é corpo, é primordial  
se é corpo, é existencial

sendo corpo pode ser  
sendo corpo pode ser livre  
sendo corpo pode ser livre das amarras  
sendo corpo pode ser livre das amarras da opressão

um corpo  
aquele corpo  
outro corpo  
nenhum corpo

*tudo começa no corpo  
tudo atravessa o corpo  
tudo se faz no corpo  
tudo recomeça no corpo*

o corpo é encantamento  
o corpo é o tempo  
o corpo é o saber  
o corpo é. (Silva, 2024)

Este é um texto de fabulações. Este é um texto de fabulações? Seriam esses pensamentos as pesquisas ou essas pesquisas é que são os pensamentos? "Esses", na verdade, ainda estão inexistentes, ao mesmo tempo em que já viveram eternidades. Qual é o lugar daquilo que não é dito? Para onde vão as centenas de palavras que são conjuradas somente em nosso interno? Se é um texto ou não, talvez não saibamos, mas é pertinente consolidar que, independente do que for, sempre será conflituoso e nebuloso. Afinal, o que é mais incerto que pesquisar o corpo? Não há definições que deem conta da amplitude do que é corpo, podemos falar e falar, sempre haverá mais sobre o que avaliar. Este encontro textual, realiza uma série de pensamentos, inquietações e conflitos gerados a partir das partilhas nos cursos "Arte de abrir" e "Políticas e modos de vida na cena contemporânea", do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena. Os cursos tiveram como corporeidades presentes: Adriana Schneider, Aline Bernardi, Alberta Juliana, Antonio Salviano, Aruam Galileu, Bruno Mros, Carolina Cony, Carolina Nóbrega, Daniel Ferrão, Deisi Margarida, Eleonora Fabião, Elze Maria, Verônica Santos, Filipe Isensee, Gabriel Machado, Isabela Raposo, Jessica Lima, João Pedro Orban, Joyce Athie, Júlia Portes, Lais Castro, Leonardo Sales, Luciana Monnerat, Luís Silva, Matthielle Navarro, Ribamar Ribeiro, Rubia Vaz, Tainah Longras e Tatiana Altberg. Foram partilhas de corpos, corpos vendo outros corpos, corpos ouvindo outros corpos, afinal não há possibilidade de produzir conhecimento, senão através do corpo (Odara, 2024).

Encontrar o corpo nesse diálogo é muito importante, pois, somos constantemente induzidos a pensar o corpo como uma máquina de cumprir tarefas e, mesmo que estejamos constantemente tentando encaixotar o corpo nesse projeto colonial, ele nunca será enquadrado nessa caixa. Uma boa analogia sobre o corpo é imaginarmos uma esponja: nela tudo é conectado e absorvido, algumas coisas ficam, outras são redimensionadas, mas tudo passa por ela. Embora o corpo não seja de fato uma esponja, sinto que funciona de forma similar: não há como falar sobre nada, sem que o corpo esteja envolvido. Saúde, ancestralidade, produtividade, ciência, direito, relação, espiritualidade, artes e tantas outras coisas sempre tem a participação desse tal corpo, seja de forma física, espiritual, energética ou qualquer outra. É por isso que

pensar corpo é pensar em memória, afetos, ancestralidade, movimento, caminhos e reflexões, que compõem toda a

expressividade que uma pessoa pode ter. Quando esse pensamento conquista mais espaço em nossos processos, pode aproximar-nos desse corpo-história (Silva, 2024, p. 74).

E se tudo existe pelo-com-para o corpo, não há saberes, conhecimentos, filosofias que existam sem ele; mergulhar no corpo é nadar na própria nascente da vida!

Para jovens nascidos e crescidos em áreas periféricas, que tenham em sua pele a cor da rejeição e em seus traços o símbolo da exclusão, não é uma tarefa ordinária, comum e muitos menos tranquila estar em muitos ambientes, inclusive no acadêmico. Um espaço conhecido pela pesquisa, mas que por décadas negligenciou uma parte importante da população, principalmente no que diz respeito às práticas artísticas. Embora as pessoas pretas, indígenas e quilombolas tenham em seu dia a dia a própria poética do ser artístico, a elas nunca foi dado espaço para coexistir. Desta maneira, enquanto pessoa preta, originária da etnia Potiguara e residente na periferia há 28 anos, falar e expor não é um local seguro, é um momento de intensos conflitos e lutas, primeiro internas, mas, também, externas. Primeiro isso se instala como algo interno, pois, mesmo sabendo que todas as histórias importam e que há riquezas naquilo que vivencio, é difícil conquistar internamente a postura de que eu tenho um lugar de fala, pois não se trata apenas de dar voz aos pensamentos, trata-se, também, de rasgar um tecido social que sempre me separou daqueles que a vida toda ocuparam esse espaço. Como Djamilia Ribeiro diz, falar é mais do que emitir palavras:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (Ribeiro, 2017, p.36).

Diante de tantas instabilidades, o que pode acalantar esse corpo periférico? Talvez existam poucas coisas, mas, com certeza, uma delas é o encontro. Veja bem, embora essa seja uma palavra comum em nosso dia a dia, talvez, grande parte da sociedade atual não vivencie de fato o encontro. Para isso, seria necessário atingirmos um estado de horizontalidade nas relações, sejam elas quais forem, pois é o encontro que possibilita um ambiente existencial para esses corpos, é o encontro que tem múltiplos lados abertos para a possibilidade que virá a ser a partir dali. Um encontro onde entendemos que só se pode falar quando se é ouvido (Kilomba, 2019), não é um

monólogo, não estamos lançando palavras, estamos em uma partilha e, para partir, é necessário que dois lados sejam tocados: não se parte algo de forma unilateral. Essa ideia de encontro é uma força que ainda não acessamos com toda a intensidade que podemos, ainda mais nos espaços que agenciam o conhecimento na academia. Talvez, quando conseguirmos enraizar essa prática, estaremos diminuindo esse abismo entre a academia e os diversos saberes, de modo a confluir os conhecimentos, as corporeidades, as ancestralidades e as existências. Confluir é a chave que estamos procurando, pois a confluência traz uma noção de soma e continuidade, ela não exclui, ela potencializa. Essa semente chave de Nego Bispo nos dá pistas de modos de vida que entendem a pluralidade, afinal:

a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Santos, 2023, p. 4).

Entender a confluência por esse viés é dar espaço para que a natureza, a humanidade e os modelos de vida contemporâneos coexistam, que sejam diferentes, ao mesmo tempo em que estejam unidos. Realizar essa prática não é uma tarefa fácil; pode parecer tranquila, mas exige uma alta intenção diária de alinhar suas ações a esse modo de vida; é trocar os filtros das nossas escolhas, é respeitar antes de questionar, é ter um olhar curioso, atento e sincero, mesmo que para o diferente. Talvez nunca estejamos prontos para não questionar o que impacta diretamente na existência do outro; estamos enraizados em um modo de conhecimento que precisa o tempo todo ser seu, não convivemos bem com a ideia de não dominarmos algum assunto; estamos na década da informação, mas poucos têm formação de vida naquilo que ouvem; jorramos opiniões que podem ferir mais aos outros do que a nós mesmos. Respeitar antes de questionar é fincar o pé no chão e saber que nem tudo aquilo que pensamos é uma verdade absoluta; pode até fazer sentido para nós, mas se impede que o outro exista, deixa de valer a pena. Esse é um exercício profundo e paralisante, principalmente para a academia: ora, onde já se viu um acadêmico não saber tudo? Embora para alguns esta pode ser uma noção antiga no ambiente acadêmico, para outros faz parte do que

ouvimos diariamente nas paredes das salas que sediam os encontros das pós-graduações. O saber não pode ser visto como uma verdade única e absoluta, ele é um aglomerado de movimentos, que se molda conforme os tempos e aparece em diversos lados para cada pessoa. Esse saber é presente no encontro, ele é a base desse tipo de relação, que precisa do respeito, da escuta e da sinceridade.

### O contracolonialismo

Um dos pensamentos que quero trazer para a gente refletir é um pensamento que continuo trabalhando incessantemente junto com essa rede de pesquisadores que me impulsionam a questionar coletivamente. Pensemos no que a palavra traz para nós. Tive um aluno, na Faculdade Angel Vianna, que sempre trazia o significado das palavras e se perguntava: de onde vem? Como ela é vista na gramática? Como ela é colocada em nosso dia? Essa curiosidade nos levava a refletir bastante sobre as intenções que cada palavra perpetua inconscientemente, isso porque, muitas vezes, deixamos os significados invisíveis, embora a origem das palavras diga muito sobre como elas serão na prática, no dia a dia.

Do ponto de vista da morfologia, ao pensar no prefixo "de" antes da palavra "colonial", ou seja "decolonial", significa que entendemos que existe algo e achamos necessário que isso se adeque a um outro pensamento. Ou seja, entendemos que existe a colonização e todos os padrões que ela instaurou nas nossas vidas e que esse padrão precisa ser adequado para o novo pensamento, que seria o decolonial. Existe também o prefixo "des" aplicado em "descolonial", que se coloca mais no sentido governamental, de quando um governo colonial deixou de ser colonial. Esses dois termos pensam no que a colonização deixou para nós e como modificamos esses padrões para esse novo pensamento.

Quero trazer um outro prefixo que tenho utilizado, entendendo a urgência do momento, que é o prefixo "contra", que podemos ver em "contracolonial". Quando aplicamos o contra, significa que estamos nos colocando contrários a existência de tal coisa, nesse caso, a colonização. Nego Bispo, esse eterno pesquisador quilombola, filósofo e ativista, fala sobre o *contracolonial*: "antes de qualquer coisa, sou

contracolonial, pois estou contrariando o próprio processo de construção da colonização" (Santos, 2023). Uma pessoa contracolonial pensa todos os seus modos de vida e falas de maneira a inexistir a colonização, pois ela nem deveria ter existido. Mesmo esse sendo um processo difícil de se instaurar com amplitude na sociedade, é importante olharmos para a construção dessas palavras, inclusive para pensarmos como encantá-las e gerar novos dialetos e significados. Percebo que não há uma receita de bolo em como mudar nossas práticas enraizadas na colonização, dito isso, assumir que não sabemos e que, na verdade, é isso que deveríamos praticar mais, não saber. Mas não de uma forma superficial em que dizemos que estamos sempre aprendendo, de fato buscar questionar, estudar e aprender com quem está à nossa volta e, não somente com quem achamos que sabe o que gostaríamos de aprender. Este é um olhar que a colonização nos tirou, mas que precisamos nos contracolônizar para quebrar os filtros que nos impedem de ver que ações tão simples em nosso dia podem cavar buracos mais fundos do que podemos imaginar.

Essa prática contracolonial é uma semente que Bispo nos deixou e que ainda está em processo de enraizamento; seguimos os passos desse encantado nessa descoberta ancestral que esse prefixo “contra” nos traz; os indígenas já viviam a partir desse modo de vida, embora não tivessem batizado com esse nome. Ser contracolonial não é um tiro no escuro, é olhar para aqueles que sofreram com a colonização e acessar seus modos de vida antes disso. Bispo nos faz refletir sobre isso:

Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo. O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio (Santos, 2023, p.36).

Para de fato construirmos um futuro onde as práticas coloniais não existam, se é que entendemos essa possibilidade, o único caminho é mergulhar nessa memória ancestral; nosso cérebro físico pode até ter esquecido como eram os modos de vida daqueles que viviam aqui antes de nós, mas esse corpo espiritual sempre se lembrará e só assim podemos retirar esses traços coloniais naturalizados em nossa pele, afinal, a colonização nunca deixou de existir, ela está aqui, expandindo e expressando-se por debaixo das nossas peles, assim como diz Ailton krenak:

A colonialidade se despista de uma maneira tão incrível que parece que ela já foi. Assim como o racismo, a reprodução da prática colonial do vírus colonialista é resistente e está presente em tudo, no nosso cotidiano, na sala de aula, em qualquer relação (Krenak, 2020)

Precisamos entender como fazer para que ela deixe de existir, assim como o racismo e a escravidão, que ainda existem. Se não entendermos que esses problemas existem e não agirmos focando em sua raiz, não conseguiremos viver o futuro que almejamos.

Visto que a ideia de resistir não é mais suficiente, talvez continuarmos com essa ideia decolonial seja pouco, considerando que, na prática, ela tem nos levado a nos "limpar", mas essa limpeza é superficial, é como se usássemos uma pomada para cuidar da pele, mas não cuidássemos do músculo. Somente poderemos pensar em coexistir, se contrariamos a existência da colonização, tarefa que gera incômodos e não apazigua os padrões coloniais. A resistência é uma ação que nos mantém no mesmo lugar; resistir poderia ser o suficiente se estivéssemos em uma posição de existência, continuar somente resistindo no contexto em que vivemos é nos mantermos na beira do abismo. Precisamos, sim, manter a tradição da recusa que sempre esteve entre nossos povos, como aponta Denise Ferreira da Silva: "No Brasil, a tradição de recusa está evidenciada na maneira como os povos originários e pretos não sucumbiram ao projeto nacional de obliteração de corpos e mentes não europeias" (Silva, 2024, p. 190).

Lembro de uma fala de um companheiro, em um debate, nos encontros da pós-graduação. Discutimos sobre a universidade e sobre o fato de que muitos autores utilizados nas bibliografias tinham práticas coloniais, preconceituosas e racistas. Surgiu a questão de que, se retirássemos todos os que têm tais práticas, sobrariam poucos



autores ou talvez nenhum. Esse medo de recusar tais autores ainda faz com que não enxerguemos muitas coisas. Essa discussão me leva a pensar que, talvez, precisemos ser radicais a ponto de retirar esses autores que não condizem com o aspecto contracolonial, pois é preciso contracolonizar a estrutura organizativa (Santos, 2023). De fato este pensamento pode ir na contramão de muitas discussões que acontecem, sobretudo no espaço acadêmico, que diz que deixemos a memória viva, mesmo que não sirva mais, a questão que me questiono é: há quem servirá manter esta memória viva? Será aos indígenas que sempre tiveram todos os seus traços apagados da história, será as periferias que constantemente são invisibilizadas das histórias ou será a própria branquitude que seguirá contando as histórias de seus antepassados com orgulho? Será necessário que tratemos práticas de racismo e preconceito como os crimes que são e não como erros leves que devem ser relevados.

Isso é importante para entender que existem muitos modos de ser, filosofias, modos de criação, modos de se comunicar que não estão sendo colocados nesses espaços porque nunca foram buscados, não por falta de interesse somente, mas como resultado de um sistema bem estruturado em práticas escravistas, racistas e preconceituosas. Com certeza muitos pesquisadores e autores sofrerão com essa postura, mas não chegará nem perto do tanto de pessoas que sofrem, já sofreram e ainda sofrerão por conta das práticas coloniais. Aqueles que serviram de instrumento para a manutenção da colonização, terão chance de se questionarem e abrirem a escuta para outros saberes, tudo dependerá deles. Por outro lado, todos nós que sofremos com a colonização, sobretudo pessoas indígenas, quilombolas, pretas, não tivemos escolhas e também já negociamos muito, para muitos podemos dizer que tudo, para que a cultura do Bem Viver se instaure: não há mais espaço para negociações; por isso, resistir não é mais suficiente, é preciso ser contrário a esse sistema colonial, é necessário sermos contracoloniais.

A nós, contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda da geração neta dos decoloniais e dos colonialistas. Porque sempre é importante se defender, mas não é necessário atacar agora. Não precisamos destruir os colonialistas. Deixemos que vivam, desde que vivam com o sol deles e não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento (Santos, 2023, p.33).

## Girando a gira

Neste momento, podemos nos perguntar quais seriam as tecnologias que dariam espaço para as questões levantadas até aqui de fato serem vistas e refletidas. Muito tem me interessado pensar nessa gira de saberes que acontece nos encontros das culturas afro-urbanas, sejam as religiosas, as educacionais, as artísticas ou qualquer modo relacional presente nelas. A gira, esse modo circular de *com-partilhar* a vida, é uma tecnologia muito acessível para o espaço acadêmico. Os cursos mencionados, que motivaram parte das inquietações relatadas aqui, funcionaram como uma espécie de gira, de um modo que vamos entender daqui a pouco. Esse ato da gira está presente na ideia de começo-meio-começo de Nego Bispo (2023) e no tempo espiralar de Leda Maria Martins (2021), afinal, não há como pensar em nenhum desses exemplos sem que um movimento circulatório esteja acontecendo.

A ideia da roda torna-se um caminho que aprofunda a ideia de horizontalidade nas relações; a ideia horizontal foi importante para entendermos a não hierarquização das coisas, mas, na verdade, nós não estamos lado a lado emanando uma energia para frente, nós estamos emanando uma energia giratória, circular, que cria uma rede em roda. Neste sentido, nossas ações não são individuais, como se as fizéssemos para a frente e a víssemos indo para um túnel sem fim, nossas ações são direcionadas ao outro corpo, seja ele a terra ou outra pessoa. Entender essa lógica circular ajuda-nos a entender a responsabilidade daquilo que fazemos e, também, a origem daquilo que sabemos. Essa ação circular, somada ao objetivo de criar harmonia entre os corpos, que me faz perceber a gira nos cursos citados, é interessante ver como, ao final de quatro meses, toda a turma, que nem se conhecia, cria uma relação respeitosa, harmônica e sensível. Mesmo com suas diferentes posições sobre o mundo e as diversas bagagens que cada um possui, nesse espaço há uma escuta, sem definir quem é maior ou menor. A gira nos proporcionou um espaço de encontro saudável.

A gira, vivenciada nos espaços acadêmicos, torna-se, então, uma importante aliada às ações contracoloniais nesse sistema embranquecido que rege os modos de ser na universidade, principalmente pensando que a colonização não tinha só o objetivo de apagar nosso passado, como ressalta Achille Mbembe (2014): "Haja vista que a despeito da colonização, uma de suas funções era não somente esvaziar o passado do colonizado

de qualquer substância, mas, pior ainda, precluir seu futuro." Seria a gira, então, mais do que uma volta sobre si mesmo; é esse ato circular de negociar e partilhar os saberes ou qualquer outra informação ou comunicação que se deseja fazer. A gira é uma postura não linear das relações, é pensar todos os modos de ir e vir que são agenciados por essa circularidade ou por esse movimento espiralar; podemos abarcar diversas formas que não se dão em linhas retas dentro da gira; ela possibilita, então, esse encontro geracional, que foge do tempo da forma como o conhecemos. É um transitar em diferentes modos de se relacionar com quem está à frente e quem está atrás, entendendo que, se estamos circulando as relações, estamos nos relacionando com todas essas gerações ao mesmo tempo e não uma depois da outra.

É muito importante entender esse modo circular nas práticas pedagógicas e de produção de conhecimento, pois abriremos a possibilidade de que não haja uma hierarquização das etapas de aprendizado ou de partilha de saberes, pois, na verdade, estamos o tempo todo partilhando e recebendo. Não partilhamos para depois receber, tudo isso está acontecendo em um único tempo, em um único momento.

Outro conceito que me vem muito, quando penso na gira nesse espaço, é o da importância do urbano, enquanto urbs e enquanto ambiente que nos abraça diariamente (Silva, 2023). Nós ocupamos um espaço, pisamos uma terra, não estamos aquém deste lugar, portanto, ele é o cerne de muitas questões que nos atravessam e pode, também, ser o motivador de muitas resoluções que possam vir. Pensar a cidade, seja ela de pedras ou não, afinal hoje encontramos uma dificuldade em definir quando é ou não cidade, pensar esse espaço é escutar nossos caminhos. A urbs, a cidade são nossos territórios e o território é parte crucial daquilo que somos e da forma como nos relacionamos com tudo ao nosso redor. Nesse sentido, não há como retirar o nosso chão, os lugares por onde passamos, nós nos conectamos com esse solo e ele faz parte das nossas características e dos modos de vida que temos. Pensar a cidade, seja ela a cidade nessa construção contemporânea que conhecemos, seja uma zona rural, seja um lugar periférico, é pensar nos espaços que ocupamos e aos quais pertencemos e que talvez, não só passamos por eles, mas existimos por eles. Essa ideia de território e pertencimento fica muito nítida nas partilhas de Ailton Krenak:

Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição nesse lugar. Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência (Krenak, 2020).

Quando me vejo explorando, junto às pesquisadoras que compuseram o curso Arte de Abrir, os diferentes locais da Escola de Comunicação, vejo-me pesquisando as histórias e os caminhos daqueles que me cruzam. Não é apenas estar no espaço, mas é entender que ele é parte crucial do que estou falando e, além disso, influencia em todos os modos que pudermos imaginar. É como ficamos com o calor ou o frio, não estamos indiferentes a eles, a depender de qual espaço nos rodeia, nosso corpo, nosso raciocínio, nossa respiração e tudo que fazemos é modificado. Assim também é, se falamos em uma sala branca, se falamos em um corredor ou se falamos em um jardim. Dessa forma, o que ficou gravado em minha pele é: se propomos uma relação circular, se abrimos a escuta tanto quanto propomos a fala e se nos relacionamos com o espaço em uma forma de coexistir, nesse momento, capta-me a ideia de giras periféricas.

As giras periféricas seriam esse movimento empático, contracolonial, com escuta atenta, partilha aberta, corpo dilatado e conexão com os territórios; seriam essa ação em rede de explorar o corpo, não havendo saberes maiores ou menores, somente saberes diversos que estão em constante troca, confluindo em prol da própria existência. Na ação das giras periféricas, encontramos-nos com as corporeidades girantes de Katya Gualter, que diz que

Os futuros possíveis serão construídos a partir dessas corporeidades girantes, que são as potências que atravessam, que giram, que movem e que se deslocam em tempos e espaços, e que deslocam tempos e espaços também. Corporeidades girantes movem-se por meio dos ancestrais. Eles vivem aqui agora, são mobilizações de memórias, e elas vivem e se deslocam e estão configurando redes (Gualter, 2023).

Essas corporeidades girantes são responsáveis por possibilitar que as giras periféricas aconteçam, sejam elas nas culturas que estamos estudando aqui, seja nos processos pedagógicos ou nos processos criativos. É importante que a circularidade, somada a todas as características presentes no diálogo que estamos fazendo aqui seja livre e aconteça pela organicidade do encontro e não pela obrigação ou imposição de um único pensador, essa talvez seja a diferença em diversos outros métodos e caminhos

pedagógicos e criativos. Nas giras periféricas, você não controla, você a deixa existir para que ela aponte os caminhos e, também, devolva outras questões necessárias. Esse tipo de descontrole talvez não seja muito comum e amigável para os processos acadêmicos, porém é ele que abre portas que nem imaginávamos que precisavam ser abertas.

### As giras periféricas nas construções cênicas

Durante a pesquisa que desenvolvi no Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes, onde dialoguei sobre a *Escuta* enquanto uma abordagem que dê visibilidade ao pensamento afrorreferenciado, a prática do sensível e as ações afetivas, essa ideia de rede circular sempre foi muito aparente. De certa forma, pensar a partilha a partir desse filtro, proporciona uma construção cênica que é feita por histórias coletivas. A partilha nem sempre é sobre uma fala tranquila; por vezes, ela, também, irá gerar rupturas nos pensamentos dos que são encontrados por ela, afinal "em toda partilha algo se parte e esta partida nos parece fundamental. Há um impacto, uma quebra, um despedaçar, um tanto de impulso e de momento, um tipo de força no ato" (Fabião e Alcure, 2020, p.187).

A experiência que carrego, é que essa gira é o ingrediente fundamental para possibilitar que corpos pretos, quilombolas e indígenas vivam a construção cênica existindo conjuntamente com os outros corpos, não servindo a eles. Não deixando de ser quem são, sem reprimir seus modos de vida e partilhando os saberes que agenciam; assim, voltamos na afirmação de Nego Bispo que diz que *um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece*. (Santos, 2023, p. 15). Como relatei no início deste diálogo, uma grande dificuldade dos corpos relatados aqui é a permanência nos processos e modos de fazerem-se existentes no ambiente acadêmico, que se estende para o mercado profissional; os sistemas que governam a sociedade não o fazem pensando que todos os corpos estejam de forma igual, dando-lhes valor e espaço que for necessário.

Pensar esses modos, enquanto também metodologia de criação, é um ato que se aproxima a essa visão contracolonial; sinto que, neles, encontramos as respostas para

as necessidades que cada coletivo coleciona. Os modos são ações que conjugam coletivos, contaminam e impulsionam, como ressalta Nêgo Bispo:

nós temos modos - modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados. Quando a gira está rolando num terreiro e alguém puxa um ponto, todo mundo canta junto (2023, p.23).

Este modo de ver é uma ação direta contra a relação branca que temos nesses processos criativos, que é responsável por muitas violências gravadas na pele de muitos corpos que rompem essa barreira e decidem ocupar espaços que, originalmente, não foram projetados para eles. Essa branquitude é parte desse sistema colonial, não tem a ver exatamente com as pessoas com tom de pele branca, é uma estrutura organizativa, como diz Bayo Akomolafe, sobre a relação da branquitude na Nigéria:

A branquitude não são pessoas brancas, porque as pessoas brancas também foram capturadas pela branquitude. Branquitude é um arranjo material social que também tomou corpos e leva corpos e usa esses corpos para um processo de moldagem do mundo. A Nigéria é a nação mais preta do mundo, mas a Nigéria é uma das nações mais brancas da Terra, porque a branquitude não é como aparentamos, a branquitude é sobre o que nossos corpos estão fazendo, como estamos nos relacionando com a terra e como estamos fazendo isso no meu país neste momento? Estamos tentando alcançar os Estados Unidos da América, é chamado de "imperativo do alcance", porque nossa imaginação foi tão roubada pelo mito do progresso e crescimento, que essa é a régua e a fita métrica pelas quais determinamos nosso próprio valor. (Akomolafe, 2023).

Dessa forma, nossos processos criativos estão tomados pelo modo de relação da branquitude, ou seja, seria uma incoerência achar que só porque fazemos leituras de autores pretos, quilombolas ou indígenas e compartilhamos algumas questões trazidas por esses autores, que, quando chegamos em uma sala de ensaio ou em um ambiente para a construção de uma obra cênica, esperarmos que, naquele momento, não haverá nada relacionado à colonização e à branquitude acontecendo. Na verdade, até o modo como marcamos e nos encontramos está relacionado com isso. Então, trazer a contracolonialidade nesse processo criativo tem sido um grande diferencial nas construções que tenho participado, pois ela possibilita que tudo que foi apontado por esses pensadores de fato chegue e atravesse os corpos daqueles que estão presentes.

Não é sobre colocar algum corpo acima do outro, é sobre criar uma harmonia entre todos esses corpos que compõem aquele coletivo atual.

Um processo coreográfico do qual participei, recentemente, junto à Companhia Vitória Street Dance, que contém pessoas pretas, indígenas e brancas em seu elenco, ressaltou bastante esse ponto. Um dos relatos de uma das participantes, que aconteceu depois do nosso primeiro momento de residência criativa, foi que os dançarinos estavam muito apreensivos em como seria o encontro com um coreógrafo externo à companhia, pois estavam muito machucados por outros processos criativos que eram dirigidos por uma relação hierárquica de saberes, ou seja, o coreógrafo trazia as suas questões, não se abria para escuta daqueles corpos presentes e impunha os seus pensamentos sobre a construção da obra cênica, além de várias outras camadas étnico-raciais e territoriais presentes. E isso não aconteceu só com uma pessoa específica, mas com diversos processos dos quais essas pessoas participaram com coreógrafos convidados ou professores da região. Então, o relato dela ressaltou que, no processo que eu propus, a primeira coisa que ela sentiu foi a liberdade de ser quem ela era naquele dia. A existência dela foi vista e recebida de uma maneira em que ela se sentiu segura para ser. Esse relato evidenciou para mim como, mesmo em um contexto de muitos machucados e muitos receios, um processo que visa trazer esses modos de vida e de relação pode ser, de fato, também um processo de cura. Não a cura como um milagre e um apagamento de tudo o que aconteceu, mas uma cura que aponta um caminho de libertação da própria pessoa consigo mesma.

Durante a nossa residência, tivemos muitos momentos de conversa e diálogo sobre as percepções que cada um teve sobre os laboratórios e criações individuais e coletivas, essa tecnologia de partilha, em que eu abro espaço para que o outro também tenha o seu espaço, já constrói um ambiente em que tudo aquilo que a pessoa sentiu antes, durante e depois, seja valioso para o encontro. Essa ação se relaciona com esse processo de cura no momento em que ela abre a possibilidade de que um corpo expresse as suas próprias dores e também entenda, a partir dessa expressão, como ele pode se relacionar com elas, buscando em sua própria ancestralidade diálogos para caminhar; afinal, o corpo em movimento é a expressão de sua ancestralidade (Ribeiro, 2022).

Além de todo esse processo íntimo e de escuta de si, também foi muito valioso ver nos relatos de todos os integrantes como houve uma surpresa em perceber as qualidades que cada um ali pôde trazer para o processo criativo, a partir de suas próprias narrativas de vida, olhando para os seus territórios, olhando para as suas histórias de relações, seja com família, com amigos ou com pessoas que foram vistas poucas vezes. Todas essas narrativas contêm os seus saberes e utilizá-las no processo criativo é abarcar uma gama muito ampla de pluralidade de vida, de histórias e de modos de vida, é trazer para a construção de uma única obra diversas perspectivas de mundo e isso, além de ser muito belo, abre um portal de acesso ao corpo que faz jorrar conhecimentos presentes neles, caminhos de criação, linguagens de expressões e tantos outros conhecimentos que ficam cravados em nossos corpos e que são acessados a partir da sensibilização e de escuta de si.

O corpo é, portanto, um elemento portador de conhecimento e de expressão, levado em consideração na comunicação da dança. Cada pequena parte desse instrumento tem sua importância no processo. Conhecê-lo possibilita ao indivíduo uma consciência dos seus poderes e de sua limitação (Falcão, 2002, p.3).

São essas práticas que, de fato, *encontram* coletivos, com esse *encontro* que é plural e maleável, que têm me impulsionado a continuar e, acredito, que, também, têm impulsionado grande parte dos coletivos que comigo confluem. Precisamos consolidar o fato de que todas as vidas são necessárias; necessárias, pois confluem, conectam-se e doam tanto quanto recebem. Necessárias, não maiores ou menores, não mais ou menos importantes (Santos, 2023, p. 26), são parte de um movimento circular, que visita o passado, o presente e o futuro, em uma ação espiralar no tempo. Que possamos aceitar até aquilo que não compreendemos, para rompermos de vez com o racismo e o preconceito (Glissant, 2009) presente nesses espaços. Sigo girando, enquanto corpo movente, enquanto representante de culturas marginalizadas nos diversos espaços que ocupo, enquanto pesquisador, enquanto ser! O desejo é que essa reflexão ganhe cada vez mais notoriedade nas discussões metodológicas e nos processos criativos, nossos corpos estão à espera da possibilidade de coexistência, a terra aguarda que olhemos para ela como parte desse movimento circular, nossas obras têm o potencial de



perfuração de barreira criada pelo colonialismo: que façamos grandes giras periféricas nesse pedaço de terra, chamada Universidade!

*Todo dia um novo aprendizado  
o processo é de tijolo por tijolo  
Pobre e preto trabalha dobrado  
classicção faroeste caboclo  
Nada permanecerá parado  
se tu quer jogar saiba a regra do jogo  
Nenhum velho viveu tanto tempo  
a ponto de não poder aprender nada novo  
Cada um cumprindo sua função  
a engrenagem que compõe o todo (...)  
- Lion (2024)*

## Referências

AKOMOLAFE, Bayo. **Schumacher Center for a New Economics** - EUA. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CuWzlltu0Wu/?igshid=Y2lzZGU1MTFhOQ==> Acessado em 10 de dezembro de 2024.

FABIÃO, Eleonora; ALCURE, Adriana Schneider. “arte agora: partilhas de matérias”. In: **Revista Concinnitas** v.21 n.37. IART/UERJ, Rio de Janeiro, jan 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/arVcle/view/48385>.

FALCÃO, Inaicyra. **Corpo e Ancestralidade**. Salvador: EDUFBA, 2002.

GLISSANT, Édouard. **One World in Relations**. K'a Yéléma Productions, 2009. Disponível em: <https://youtu.be/qu9dHpzSeNQ> Acessado em 1 de dezembro de 2024.

GUALTER, Katya. **Outras cosmotécnicas e futuros possíveis**. Acesso em: 26 de julho de 2024. 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/cal/2023/12/01/outras-cosmotecnicas-e-futuros-possiveis-pautaram-abciber>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano** / tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

KRENAK, Ailton. **Sempre estivemos em guerra**. 2020. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/zug/21806968.html> Acessado em 20 de dezembro de 2024.

KRENAK, Ailton. **do tempo**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: [https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS\\_38-ailton-krenak.pdf](https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_38-ailton-krenak.pdf).

LION. **381ª BATALHA DA ALDEIA**. Acesso em 13 de dezembro de 2024. Barueri, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/g-Pdtm9-Q3g?si=Ht8xpKJ5uDS-7rg0&t=72>.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó. 2021.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra** / tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona. 2014.

ODARA, Obirin. **Descolonizando os saberes**. Rio de Janeiro: Não me colonize. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Katiúscia. **Ancestralidade - O futuro é ancestral**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw>. Acesso em: 4 de dezembro de 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **a terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora / PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial? **Podcast Instituto Claro**: Educação. Acesso em: 12 de julho de 2024. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>.

SILVA, Denise Ferreira da. "Posfácio - Ou ("os que combinamos de não morrer)". IN Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro. São Paulo: Editora UBU, 2024 (p. 189-202).

SILVA, Luís. CORPO. **Exposição Retomadas Urbanas**. Rio de Janeiro, 2024.

SILVA, Luís. **Escuta: uma abordagem sensório-afetiva-afrorreferenciada**. Salvador: Editora ANDA, 2024

Recebido em 12/08/2025

Aceito em 11/12/2025